

Transcrição - Entrevista NAIR

Entrevistadores: Marcos Fellipe e Bruno Sperança

Entrevistada: Nair Maria Correia de Sales

São Paulo, 15 de Junho de 2025

Duração: 55 minutos

Realizada presencialmente na casa de Nair

ENTREVISTA COM NAIR MARIA CORREIA

Nair Maria Correia

A minha vida não é um temporal no copo d'água, mas foi uma vida de muitas e muitas coisa, de muita tribulação, mas tudo passou. Tudo passou. E hoje eu vivo aqui só fazendo as minhas coisas, vendendo, postando no meu WhatsApp e espero que eu venda mais, eu tenha mais encomenda através de tudo isso aqui que eu tô falando. Sou aposentada por invalidez, entendeu? E... isso que eu posso estar te falando, filho.

Bruno Sperança

A senhora poderia me contar um pouco da sua infância? Onde a senhora nasceu? Qual era a cidade? Qual era a profissão dos seus pais? Me conta como era um pouco a sua vida quando você era criança.

Nair Maria Correia

Olha, eu me lembro que quando eu era criança, uns 5 anos... Não, uns 5 anos não foi, não. Uns 7 anos. Uns 7 anos, minha mãe era dona de casa, doméstica, né? Dona de casa. Mas meu pai foi um terceiro muito, sabe? Muito prestativo. Meu pai foi terceiro, minha mãe era dona de casa, ela foi lavadeira, lavou muita roupa pra fora. Nós passamos por muita necessidade, porque era em 14 filhos, ela tinha 14 filhos.

Eu nasci e me criei em uma parte e morei no interior de Recife, era o interior de Recife. E lá minha mãe deixava a gente à vontade, tinha uma rede grande. O que meus pais fez? Vieram embora pra capital, pra cidade de Recife. E ali a gente ficou 20 anos em Recife. (2:40) Aí meu irmão mais velho, falou eu vou pra São Paulo, vou morar em São Paulo. Aí ele tirou o negócio do quartel, a reservista. Quando ele chegou aqui, mandaram ele voltar pra Recife pra tirar a reservista lá, porque ele tinha nascido lá, se criado lá.

Aí a gente foi pra Recife, eu fiquei lá sozinha mais de 5 anos, em Recife, eu fiquei 5 anos. Fiquei 5 anos, mas o esposo que eu tinha, ele não se dava muito bem comigo, o pai dos meus filho, não se dava muito bem comigo. Aí eu vi que eu ia sofrer mais com a perda dos meus pais que vieram embora pra cá, pra São Paulo, e mais ainda pela pessoa que eu tinha morando comigo. Aí o que eu fiz? Ganhei minha filha Andréia, o segundo filho, vim embora com 15 dias de dieta, vim aqui pra São Paulo, e já tem 45 anos que eu não conheço mais Recife.

Bruno Sperança

Dona Nair, a senhora lembra de brincar na sua infância, a senhora brincava, isso marcou?

Nair Maria Correia

A gente brincava na rua, porque era cidadezinha pequena onde a gente foi, lá em Recife, era um bairro pequeno. Aí a gente brincava de pula-corda, a gente pulava de amarelinha, as bonecas da gente era sabugo de milho, entendeu? Meus pais tirava, arrancava o milho e a gente fazia os cabelinho, aqueles cabelinho amarelo do milho, era a boneca da gente.

A gente nunca teve um celular, que naquele tempo não tinha, a gente nunca teve um celular, a gente nunca teve uma boneca de verdade, nunca nós teve. Ou então, quando as boneca da gente que não tinha milho, aí a gente quebrava a telha, amarrava num paninho e era a boneca da gente, era a boneca da gente. E pra gente era uma coisa muito maravilhosa, porque não tinha malícia, menino misturado com menina, menina misturada com menino, nós se escondia, nós brincava de pega-pega e a minha infância que eu lembro era essa, filho.

Marcos Fellipe

A senhora ia na escola?

Nair Maria Correia

Eu ia na escola, quando chegava da escola, a gente ia de descascar mandioca, a gente ia de descascar milho. Meus pais tinham um barzinho de frente à fábrica, que ele era Tecelão, minha mãe trabalhava lá, vendendo lanche. Ela vendia bolo, ela vendia pamonha, ela vendia canjica nos copinho e a gente era os cozinheiros da casa, era a gente, era eu e minha irmã Josefa, que era as duas filhas mais velhas. E o José e o Rinaldo e o Vicente eram os que carregava as comida cozida lá pra esse lugar, pra esse cantinho. Era uma barraquinha, não era um restaurante, não tinha isso, era uma barraquinha que a gente vendia essas coisinhas. Aí chegava aquele horário, a minha mãe ia, meus irmão ia e a gente em casa ficava fazendo pra quando acabasse, meus irmãos voltava, pegava de novo e iam pra lá. Mas a gente fazia bolo, fazia tapioca, fazia pamonha. A pamonha da gente, tinha vez que ela era enrolada na folha da bananeira, era tudo assim bem, sabe, bem profundo, não é mais que nem agora. Hoje a gente faz uma pamonha de outro jeito, uma canjica de outro jeito, e a gente continuava fazendo.

Bruno Sperança

A senhora se lembra nessa época de sonhar, a senhora sonhava?

Nair Maria Correia

Não, não tinha tempo, filho. A gente, quando terminava esse serviço, a gente ia pro rio, a gente lavava a nossa roupa, levava uma bacia cheia de louça, lavava as louça, a gente areava as panelas com a areia do rio, aquela areia fininha do rio e a gente nunca teve infância de “aí vamos pro cinema hoje”, “vamos pra não sei o quê”. Não, não tinha isso.

Agora, minha mãe, ela gostava muito de pular carnaval, muito. Eu ganhei a minha filha mais velha, pulei carnaval a noite todinha. No outro dia eu fui pra maternidade e ganhei a minha filha mais velha. E minha mãe, ela catava dois carro lá no norte era taxi, a gente chamava dois carros. Os mais velhos iam sozinho na frente e os mais novo ia com ela no carro. Nós brincávamos, nós pulávamos carnaval, depois chegava aquele horário, vamos embora pra casa, aí a gente voltava pra casa.

E pra namorar, foi um terror o namoro da gente, um terror. Quando eu arrumei, quando eu arrumei uma pessoa, ele era tecelão da mesma empresa que meu pai era tecelão. E ele já tinha tido uma filha, mas ele não contou nada pra gente.

Aí na semana que eu ia ser noiva dele, meu pai descobriu. Aí meu pai não queria mais que eu ficasse com ele, porque ele tinha uma filha, porque ele ia atrapalhar a nossa convivência com o filho. Era assim, esse povo era tudo...

E eu sinto saudade por ele até hoje. Foi o amor verdadeiro da minha vida, foi esse rapaz. Se ele tá vivo, se ele não tiver, ele já tá com 86 anos.

Mas foi o amor da minha vida.

Marcos Fellipe

E você conheceu ele antes do pai dos seus filhos? Em Recife?

Nair Maria Correia

É.

Bruno Sperança

E como você conheceu o pai dos seus filhos?

Nair Maria Correia

O pai dos meus filho, eu tinha acabado o namoro com esse né. Aí sim, ele pediu as contas da empresa, porque não queria nem ver meu pai. Pediu as contas da empresa e veio pra Brasília.

Ele disse, vou embora pra Brasília, se você quiser ir, arrume as suas coisas que nós vamo. Eu fugi de casa, fiquei três dias fora, escondida, pra ele me pegar. Mas no dia que ele foi me pegar na casa de uma tia minha, eu não tive coragem. Aí ele veio embora e falou que um dia ele ia voltar. (Aí quando chegou lá em Recife, eu não tava mais lá, eu tava aqui em São Paulo. Aí ele vasculhou lá com os parentagens e me acharam aqui em São Paulo.

Marcos Fellipe

Nesses três dias que a senhora ficou escondida, a senhora ficou esperando ele te buscar?

Nair Maria Correia

Esperando ele me buscar.

Bruno Sperança

Ele foi te buscar? Como foi essa conversa que você contou pra ele que não ia mais?

Nair Maria Correia

Ele falou assim, você tem certeza que você vai? E eu falei, tenho certeza que eu vou. Você tem certeza porque eu vou comprar as passagens. Ele chegou lá com as passagens, ele perdeu as passagens. Ele falou, você não quer ir, né?

Aí eu falei, eu não vou não. Vou voltar pra casa dos meus pais, porque meu pai precisa muito de mim pra cuidar dos meus outros irmãozinho, eu não vou não. Aí ele me abraçou, chorou, eu chorei também, mas aí encerrou por ali.

Aí depois de um ano que eu não tinha mais ele, eu conheci o pai dos meus filho numa festinha. Aí ele era meio matutinho, o pai da minha filha, meio matutinho, eu também era meio matuta. E numa festa de quadrilha, brinca daqui, conversa dali, dança. Aí ele me pediu o namoro. Aí eu falei, não, você tem que ir lá na casa dos meus pai, porque eu saí de um namoro e tal. Aí eu namorei, noivei e casei com três mês. Meu pai fez eu casar. Mas eu não dava certo com ele. Ainda convivei com ele 20 ano pra criar meus filhos. Aí fui mãe de seis filhos dele, do meu primeiro casamento, e tô aqui, vim.

Bruno Sperança

Isso foi em Recife?

Nair Maria Correia

Em Recife.

Marcos Fellipe

E foi na mesma época que a senhora trabalhou na Marinha? Como foi isso?

Nair Maria Correia

Sim, eu fui costureira da Marinha. Eu fui costureira da Marinha porque foi assim, eu fui formada de costureira na Marinha. E quando as pessoas era formada na Marinha, a gente tinha o direito de pegar os trabalhos que tinha dentro da Marinha.

Aí os marinheiros iam me procurar, sabe? Aí eu recortava aquelas calças todinha da Marinha, do povo da Marinha. Um vinha, gostava, mandava outro. Outro vinha, gostava, mandava outro. E eu nunca fiquei sem serviço da Marinha. Eu vim dispensar o serviço da Marinha quando eu casei com esse pai dos meus filho, que ele era grosso, que ele não queria que homem nenhum fosse na minha casa. E os homens ia, sempre ia, pra provar as roupa, pra ver como que tava. E eu deixei de ser costureira e fui ser dona de casa. Ele chegou aqui em São Paulo, rasgou todos os meus diploma de costureira, de bordadeira, de... Era costureira, bordadeira e trabalhava com pintura lá. Eu fazia pintura de quadro.

Bruno Sperança

Como era isso?

Nair Maria Correia

Pintava, comprava as tela, tipo uma lona, e a gente cortava a quantidade da lona que você queria e depois você mandava fazer o quadro com aquela pintura. E ele cortou meus papél, meus documento, pra eu não ter direito de fazer aquilo. Porque lá na Marinha eu só fazia se eu apresentasse o meu diploma. Como fui dali.

Marcos Fellipe

Quantos anos a senhora tinha?

Nair Maria Correia

16 anos.

Marcos Fellipe

E esses cursos de pintura, essas coisas você fez na Marinha?

Nair Maria Correia

Eu fiz tudo na Marinha. Eu fiz de costureira, de bordadeira e de pintura lá dentro da Marinha. Era os próprios marinheiros que faziam as aulas pra gente.

Aí a gente, como era escolhida, aquelas que se interessou mais, a gente era escolhida, ainda tinha essa. Aí eu fui escolhida e comecei a trabalhar. Meu pai veio pra São Paulo, me deixou com duas máquina.

Essa... Não tá aqui.

Tem aqui. Tem até hoje.

Uma Singer antiga, preta. Trouxe ela de... Dentro de uma sacola.

Bruno Sperança

E mesmo dona de casa, a senhora não parou de costurar ou a senhora ficou um tempo parada?

Nair Maria Correia

Não, aí eu desisti. De costura, de fazer outras coisas. Eu vim me apegar com artesanato, essas coisas, há 15 anos atrás porque eu fiquei desempregada, que eu trabalhava, mas fiquei desempregada. Eu falei, vou fazer alguma coisa.

Aí fui pra porta da escola vender doce, fazia geleia, fazia cocada, fazia doce pra vender na porta da escola. Eu ia com as bandejinhas, vendia, acabava, eu voltava, vendia de novo, pegava meu dinheirinho, comprava pacote de salgados grande, enchia no saquinho de coisa, colava com vela, o meu aparelhinho era vela, ponhava uma vela acesa, e passava e ia jogando, chegava a vender quase 50 salgadinhos por dia. Mas eu pegava das sete da manhã às sete da noite. Aí quando eu chegava, tarde da noite, ainda ia lavar roupa, fazer comida pro meu filho, e foi a minha vida, fô.

Bruno Sperança

Cozinhar a senhora sempre foi boa, né? Quem te ensinou a cozinhar?

Nair Maria Correia

Ninguém, a gente mesmo.

Bruno Sperança

Aprendeu sozinha?

Nair Maria Correia

Uma vez eu matei um pato, e esse pato correu a rua inteira com o pescoço cortado, porque eu era pequena, tinha uns nove ano, eu não tinha força de pegar um pato pra matar. Aí eu cortava, porque a gente vendia carne de pato, carne de guiné, carne de frango, galinha velha, era isso que a gente

sobrevivia. Hoje eu não mato, jamais eu pego um coitado de um pato pra desgolar o pescoço do bichinho.

Mas foi muito sofrida a minha vida. A minha e dessa irmã que eu tô falando.

Bruno Sperança

Quantas irmãs a senhora tem?

Nair Maria Correia

Eu tenho seis irmã-mulher, e oito irmão-homem vivo ainda, fora os que já morreram.

Bruno Sperança

Vamos falar da sua chegada em São Paulo? O que eu queria saber é quais foram as suas maiores dificuldades quando a senhora chegou aqui? O que estava acontecendo na sua vida? Se a senhora chegou com seu marido e filhos, como foi? Quais foram os seus primeiros trabalhos?

Nair Maria Correia

Olha, foi assim, eu vim de lá, de Recife, sem nada, porque o meu esposo estava desempregado. Então a gente veio sem nada. Viemos só com as passagens e as comidas da viagem. Chegamos aqui, a gente foi morar com minha mãe. Mas o meu esposo, ele era um tipo de pessoa muito briguento. E aí ele brigava, eu brigava, e meu pai falou pra mim, assim que ele arrumar um serviço, pode arrumar um cantinho e ir morar.

Aí ele foi trabalhar, o primeiro serviço dele foi na Vigor. Aí ele trabalhou na Vigor. Aí o que aconteceu? Ele foi trabalhar na Vigor e já ganhou um salário que já era bom pra alugar. Aí eu aluguei um cômodo só. Fui morar com ele, só com uma cama. Uma cama. Não tinha fogão, não tinha nada. Aí meus pais foram me orientando. Aí eu comecei a vender doce na porta da escola. Já foi daí, o doce na porta da escola. Aí vendendo os doces, ele pagando aluguel, sobrava aí a gente comprou fogão, a gente ganhou bujão. Aí foi assim, a família, os tios daqui foram ajudando a gente. Aí eu fiquei morando num quarto com a cama, o fogão, o bujãozinho. Era até aqueles pequeninhos, não era grande não, não era fogão grande não. Era um fogãozinho daquele que tinha na boca do bujão, daqueles pequeninhos. Aí ali eu cozinhava arroz, feijão, uma misturinha. Aí minha mãe vinha cá. Aí o pai dos meus filhos, ficou desempregado. Aí meu pai disse, pra cá, não vai vir não. Não dá, não dá, porque ele é muito encraveiro e bocudo. Aí eu peguei e falei assim, o que eu vou fazer? Continuei vendendo na porta da escola.

Aí essa minha irmã, mais encostada a mim, falou assim, *Ná*, ela me chamava de *Ná*. *Ná*, eu faço umas coxinhas, pastel e você vende. A gente tira o tanto que a gente gastou e a metade do lucro é meu e a metade do lucro é seu.

Aí eu falei, então tá bom, faz as coxinhas. Aí eu levava de cinquenta coxinhas pra porta da escola. Meu filho voava. Eu não sei nem quanto que era aquilo. Acho que era um...

Era bem baratinho. Aí fui vendendo, fui comprando as coisas, fui vendendo. Aí ele começou a trabalhar de novo, ele saía com a marmita na bolsa pra procurar serviço. Porque a gente não tinha dinheiro de jeito nenhum pra comprar nada. Aí ele saía com a marmita, andava, andava, comia pelas calçadas, comia onde dava certo.

Aí ele chegava em casa, nada. E nada. Até quando foi um dia, meu pai disse, diga a ele que ele vai sair e hoje ele vai voltar dizendo que tá trabalhando, que vai trabalhar no outro dia.

Veja que dia é hoje. Eu já tava sem fé, meu filho. Só tinha dois, só tinha o menino e a menina.

Sem fé, desgostosa. Meu Deus, que coisa. Eu vim de lá de Recife. Tinha minhas coisas lá, meus pontos lá. Larguei tudo pra vir pra aqui. Passar fome, mas meus dois filhos...

Eu falava assim pra eles. Aí ele foi no outro dia. Fiz a marmita dele de novo, ele foi. Quando ele chegou, chegou com riso deste tamanho, bem grande. *Nega!* Ele me chamava, ô nega, eu vou trabalhar amanhã.

Eu falei, glória a Deus, Jesus. Ele olhou pra mim, pro povo de baixo, né senhor? Porque eu tenho muita fé em Deus.

Aí eu fiquei grávida já da segunda menina, mas assim mesmo eu pegava ônibus do Jardim do Oliveira pro Ipê de barriga e arrastando dois na mão de ônibus, de ônibus. Eu era guerreira, filho. Eu era guerreira.

Aí pegava meus filhos, ó, vup pra casa da minha irmã. Minha irmã me dava o salgadinho, largava os dois meninos lá de barrigão, ia pra porta da escola, vendia tudo, voltava pra cá, deixava as coisas com a minha irmã, comprava as coisas, deixava com a minha irmã. Mas no outro dia eu vim de novo e eu fiz essa batalha cinco ano.

Aí eu ganhei a terceira. Aí no outro ano eu ganhei a outra filha, depois mais um filho, que esse filho é falecido, que com sete e mês ele morreu. Aí minha vida foi produzindo e contrariando.

Ele gostava de tirar férias. Ele tinha férias, mas eu nunca tive férias na minha vida, porque era dona de casa, né? Trabalhava em porta de escola, nunca tive férias, né, meu filho?

Ele pegava... Amanhã eu tô de férias. Ele já ia direto pra rodoviária, comprava a passagem dele, ó. Recife! Nunca ficou um mês comigo em casa. Aí eu fui ganhando os filhos e ele todo ano indo pra lá, pra terra dele, pra Recife.

E ia, e ia, e eu de cá com os filhos. Podia passar do jeito que tiver passando, ele ia embora. Não queria saber de nada. Aí aquilo ali foi me incomodando. Aí quando foi o último filho, o sexto, eu falei pro meu cunhado que ia ser padrinho desse menino que ia nascer. Aí eu falei, olha, Nivaldo, falei pro meu cunhado.

Ah, Nivaldo, se eu tivesse um dinheiro, eu operava. Eu operava que eu não ia querer mais filho. Seis filho, já passei por todas essas prova, eu não queria mais, não quero mais filho.

Aí o padrinho do menino falou, eu te dou o dinheiro pra você operar. Mas numa condição, quando você terminar da dieta, você vai lavar a roupa do meu filho que vai nascer. Que era o filho do meu cunhado, primeiro filho dele.

Tá feito o negócio, eu falei pra ele. Aí todo dia eu pegava o ônibus aqui, no 28, ia pra Itaqua. Aí eu lavava a roupa da minha irmã, deixava tudo arrumado, vinha embora pra casa, cuidava dos meus seis. E continuava vendendo na porta da escola ainda, fazia tudo isso e ainda vendendo na porta da escola.

Aí os meninos diziam: mãe, mãe, quero uma fruta, mãe. Eu falei, mãe, não tem filho. Ô mãe, quando você vim, trai uma banana, mãe. Eu ia lá, comprava três bananas, três maçãs, duas maçãs. Cortava pro meu filho todinho, cada um pedacinho. Era a minha vida. E nunca deixei meus filhos passarem fome. Eles passavam por uma crisezinha, mas fome mesmo, de dizer dormiu com fome, não.

E eu morava dentro de uma garagem na casa do meu pai. Pra poder eu deixar de pagar o aluguel pra comprar os tijolos, as telhas. Aí eu fiz um cômodo de cinco por cinco, onde eu morei com meus filhos todinho. De cinco por cinco. Sim, aí eu cheguei lá na escola e falei pros pedreiros que estavam construindo lá a escola. Eu falei, meu filho, eu também comprei um terreninho. Conversa dali, conversa daqui. Eu comprei um terreninho, mas agora eu vou esperar Deus preparar uma pessoa pra construir. Aí três pedreiros disseram, eu vou construir o seu quarto. Seu cômodo. Eu vou, dona Nair. Compra o material. Aí eu comprando de pouquinho em pouquinho. Todo sábado ele ia. Eu juntava o dinheirinho do doce. Não tirava um centavo pra nada. Tirava do doce, tirava de uma coisa, dos bicos que eu fazia, aí fiz um cômodo de cinco por cinco.

Entrei lá pra dentro do cômodo. Tinha uma brecha que a chuva vinha de lado e molhava tudo os meus filho dormindo cá embaixo no chão, e aí eu fui arrumando, fui arrumando, fui arrumando. Com uns quinze anos que eu tinha comprado tudo, já tinha pagado o terreno. Aí falei, agora eu vou melhorar o meu terreno. Que melhorar, meu filho. O cara disse, vou embora. O pai do meu filho, juntou o que é dele e foi embora.

Fiquei com o meu filho, o caçula, com cinco anos. Ele nunca veio no meu portão pra me dar um pão para meus filho come. Aí nesse tempo eu fui diarista, fui cozinheira de barzinho, eu fazia tudo. O que aparecesse, eu tava ali enfrentando. Eu era magra que nem um palito, mas eu tava ali firme e forte. Aí comecei a trabalhar registrado que me dava tique. Aí foi respirando. Aí chegava com aqueles tiques do mês inteirinho. Pegava aqueles carrinhos de feira, ia pro açougue, eles aceitavam os tiques. Eu ia pro açougue, eu ia pro mercado, eu comprava minhas coisas. Trazia jornal da onde eu trabalhava, que eu era copeira. E tinha que pôr jornal lá pros donos, pros patrões, trazia aquele jornal que eles não queriam mais. Ia na feira, trocava por peixe. Viu? Peixe. Troquei peixe muitas vezes aqueles fardão de jornal que colocava na cabeça. Quando eu voltava, eu voltava com peixe.

Comprava as coisinhas pros meninos comer na feira. E foi minha vida, assim.

Tive infância? Não! Não tive infância. E hoje eu vivo até hoje sem ter, assim, aquela mandomia.

Aí eu me divorciei. Mas ele dizia, seus filhos vão dar pra malandro. Eu falei, não vai dar não, porque Deus não quer. Eu tenho dois filho homem maravilhosos. E tenho três filha maravilhosas. Eu não dei faculdade pra eles mas eles tentaram. A minha filha mais velha, ela ia com saquinho de... Aquele saquinho de arroz. Quando chovia, minha filha colocava as coisinhas dela ali dentro. Nunca a minha filha ganhou uma bolsa de nada dele.

Bruno Sperança

Dona Nair, vamos começar a falar da sua produção artística. Eu quero saber como surgiu a ideia de fazer artesanato. Quais foram os primeiros passos que a senhora deu nessa jornada? A senhora foi professora. Também, se a senhora puder chegar aí, contar pra mim como foi. Tá bom?

Nair Maria Correia

Eu frequentava um salão de idoso. Aí, a professora dava aula de pintura e como era muita idosa, ela não conseguia fazer tudo naquele momento, chegava o horário dela, ela parava. Aí, no outro dia, ela não ia, porque ela só ia duas vezes por semana. Aí, a diretora de lá do nosso grupo, ela disse... Dona Nair, vou fazer uma proposta pra senhora. A senhora aceita? Aí, eu falei... Depende. Você não quer ficar fazendo o acabamento dessas coisas que ficou? Porque eu era a craque dos acabamentos, tinha vezes que eu nem fazia pintura pra mim. Eu ia lá só pra ajudar as meninas. Aí, a professora não gostava. Quando ela chegava, ela dizia assim... Olha, Raquel, o que a Dona Nair fez, o acabamento dela tá dez.

Aí, uma vez... Essa menina é viva, essa senhorinha é viva. Ela tem oitenta e nove anos agora. Aí, ela pegou e falava assim... *Ô, Nair; toma vergonha na sua cara.* Ela falando pra mim, até aí, eu só ajudava as meninas a fazerem o acabamento delas. *Você tem que tomar vergonha na sua cara. Porque você faz acabamento melhor do que a Raquel.* A Raquel era professora. Acabou comigo, meu filho, todo mundo só queria que eu fizesse acabamento.

Mas eu não ganhava nada com isso. Eu ia, fazia o acabamento dela. Ela ganhava nas minhas costas, mas eu não participava de nada dela.

Aí, a própria professora falou... Você tá tirando meus alunos. Eu falei, não, eu tô aqui pra aprender e pra ajudar quem queira aprender. Eu falando pra elas, né? Aí, toda vez que ela chegava lá, as meninas... Raquel, põe essa aplicação aqui pra mim. Escreve aqui no papel que eu vou pedir pra Nair fazer. Aí, a menina pediu as contas e foi embora, e como ela pediu as contas, eu fiquei lá de cupido, né? Porque eu não ganhava nada. Eu ia todo dia. Aí, a diretora vinha e falava comigo... Ô, dona Nair, não deixa essas coisas aqui empacadas, não.

Comece a fazer isso, faça aquilo. E aí, eu fui me dedicando. Aí, a diretora falou assim...

Dona Nair, que tal eu te encaixar no lugar da fulana que foi embora? Eu falei, ah mas eu não sei ler. Eu não sei ver as tintas. Eu pus muita barreira pra evitar de muita coisa. E terminei saindo de lá, porque eles foram pra outro canto. E eu não voltei mais.

Aí, o que eu fiz? Fui fazer curso pra artesanato. Em outro canto, eu pegava a minha neta, que tinha uns dois aninhos, colocava nas costas, uma bolsa de um lado e fui aprender a fazer crochê. Primeiro crochê. Aí, fiz, fiz, fiz... meus primeiros serviços, eu comprei pano de prato, fazia umas barrinhas e vendia baratinho. Aí, dali, eu fui treinando e fazendo coisas melhor, aí eu comecei a fazer pintura, eu fiz vários Papai Noel na pintura. E foi assim que eu me convivi.

Eu tive cliente, eu tive cliente o ano passado que ficou com raiva de mim, porque eu não tive tempo de fazer os Papai Noel delas. Ficou chateada comigo. Agora, o que é que eu vou fazer? A partir do mês que vem, eu só vou começar a fazer pintura dos Papai Noel. E essa pessoa mandou fazer uns Papai Noel cor de rosa.

Deu um destaque, meu filho, vou te Amostrar.

Aí, eu fui fazendo. Fui pintando, fui fazendo, fui pintando e fui fazendo, e graças a Deus, eu não tenho medo de quem pinta. Não tenho inveja de quem faz. Nem tenho inveja de quem queira aprender. Eu tô aqui, quiser aprender.

Eu queria dar aula aqui na minha casa particular. Eu queria. Arrumei quatro pessoas, aí eu fiz as contas. Eu falei, ó, como é particular, 10 reais em cada aula. Aí, uma pessoa, ah tá muito cara, faz um pacote de tanto. Aí desisti. É melhor eu pintar sozinha e pronto. Aí, foi isso.

Deixa eu te mostrar aqui.

Bruno Sperança

Dona Nair, É... Esse trabalho do artesanato, ele de alguma maneira foi uma solução ou aliviou o negócio da falta de mobilidade? Como que isso aconteceu na sua vida? Como que a senhora ficou desse jeito de cadeira de rodas?

Nair Maria Correia

Olha, eu tenho artrose nos dois joelhos, e o meu artrose comeu a gosma, né? A baba, sei lá o que que é isso.

Aí, eu fui no médico, o médico disse, eu te opero, mas 95% sem esperança. Aí, eu fiquei do jeito que eu tô. Aí, ele falou, e ainda tem mais uma, rejeição, que eu podia colocar o aparelho e andar, ou não podia mais andar, e se tivesse rejeição, eu ia ter que operar de novo pra tirar as placas. Aí, eu falei, não. Aí, eu comecei a trabalhar mais, a ocupar a minha cabeça mais nos crochê.

Bruno Sperança

Conta da rifa que a senhora tá fazendo. Me mostra essa peça que a senhora tá rifando. Como ela, o que que ela é?

Nair Maria Correia

É uma passadeira, olha. É uma passadeira de um metro e meio. Essa passadeira, ela tá na rifa pra correr. E eu tenho poucos números já, porque eu já vendi bastante.

Marcos Fellipe

Que mais tem aí em cima?

Nair Maria Correia

Agora, eu tenho... Essas bonecas que eu vendo a R\$45,00. Eu vendo...

Tem essa... Tem de todas as cores. Eu já tô fazendo de outro modelo.

Bruno Sperança

E a senhora que faz esse desenho nos panos?

Nair Maria Correia

Não. Eu ligo pra Bresser, eu tenho uma pessoa que faz o carimbo pra mim lá. Entendeu? mas, eu também já fiz ela na mão, manual. Só que ela fica mais cara, fazendo manual. Porque lá é uma tela, eles colocam a tela e bate, né? E eu não, eu fico de uma por uma e ninguém quer pagar o serviço manual pra gente.

Bruno Sperança

E pode botar na máquina pra lavar? Tranquilo?

Nair Maria Correia

Pode bater. Eu me garanto. Entendeu?

Não vou dizer pra você que você deixa o dia todinho batendo, né? Aí, não é comigo, né?

E é isso que vocês estão vendo.

Bruno Sperança

Esse é crochê, né?

Nair Maria Correia

Esse é crochê, e esse é artesanato. É o barbante.

Um é de linha e o outro é de barbante.

Bruno Sperança

Ah, é diferente. Crochê não é com barbante.

Nair Maria Correia

Não. O crochê é com linha, trabalhado com linha, Esse aqui é crochê.

Marcos Fellipe

E a senhora escolhe as cores como? A partir do que a senhora quer? Ou a senhora espera o cliente escolher a cor?

Nair Maria Correia

Não. Quando eu faço meu avulso, eu faço as cores que eu quero, e quando é por encomenda, “Ai, dona Nair, eu quero por encomenda de tal cor pro tal cor.” Aí, eu vou lá e faço aquilo.

Bruno Sperança

Entendi. A gente vai falar agora, pra finalizar, do futuro. Quais são os planos da senhora para o futuro, daqui pra frente? Se você gostaria de aprender alguma coisa nova que a senhora ainda não sabe.

Nair Maria Correia

Olha, sinceramente, que tudo que eu seio, graças a Deus, a minha mente, que ela é boa, meus braços também que são bom. Pra mim, o que eu faço já é suficiente. Só que eu gostaria muito de ter vendas, entendeu? Mas, pra mim, eu sou feliz do jeito que eu tô, se eu achasse canto, assim, pra ir, dar aula, vender, fazer minhas coisas, ok.

O meu plano é por uma banquinha aqui no meu portão. Uma banquinha. Tô esperando o meu filho colocar o portão. Aí, eu mando fazer uma banquinha bem legalzinha, ficar sentado o dia todinho lá trabalhando e vendendo.

Marcos Fellipe

Ótimo, e quando a senhora quer aprender uma coisa nova, o que a senhora faz?

Nair Maria Correia

Entro no YouTube. Quando eu quero aprender uma coisa que, pra mim, tá complicada, eu entro no YouTube. E vou curiar, né? Ali é curiar, né? Porque eles ensinam, mas muito rápido. Então, eu paro. Porque eu sou curiosa.

E eu acho assim, desde a hora que você é curioso, você aprende. Eu pintei os quadros, foi ser curiosa. Eu vi uma colega minha fazendo e falei, vou fazer em casa.

Aí, quando eu fiz, ela disse, você sem vergonha. Você fez do meu jeito? Eu disse, não. eu fiz diferente. Eu coloquei umas florzinhas, eu coloquei um artesanato de crochê. umas florzinhas de crochê.

Eu tenho muita coisa. É porque tá tudo guardado.

Mas, eu tenho muita coisa, muita coisa.

Bruno Sperança

A gente pode mostrar já.

Nair Maria Correia

Não, mostra não. Se não, você vai ficar aqui até amanhã.

Ó, esse aqui, eu fiz em duas horas, meu gorrinho.

Eu ganhei. Eu ganhei ele, aí ele veio muito grande, aí, eu desmanchei todinho ele e copiei de novo e fiz ele. Não sou curiosa? Sou curiosa. Porque ele era mais largo, ficou muito grande na minha cabeça. E agora, eu coloco. Perfeito.

Bruno Sperança

Aí, eu perguntei para a senhora se na infância a senhora sonhava. A senhora falou que não dava tempo, né? Hoje, a senhora tem um pouco mais de tempo. A senhora tem sonhado com o que, agora?

Nair Maria Correia

Ah, meu filho, com o serviço que ficou de noite. Levanta daí, vai fazer o seu serviço. Tem dia que eu não consigo dormir. Não desliga o pensamento. Aí, tem vezes que eu me levanto, caramba! ainda é três e meia da manhã. Meu Deus! Aí, eu sento, ligo a luz e aí, eu vou fazer.

Se eu dormir pensando em alguma coisa, eu não consigo dormir.

O cérebro fica trabalhando aquilo, sabe?

Bruno Sperança

A gente é assim também, eu acho que todo mundo que trabalha com criatividade fica assim.

Porque a senhora é uma artista. Artista.

Nair Maria Correia

Obrigada.